

COMUNICAÇÃO RURAL POR MEIO DE “UM QUE FAZER EDUCATIVO LIBERTADOR?” - TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA EM COMUNIDADES RURAIS DE CASSERENGUE-PB

SILVA¹, Rayana Vanessa Alves

SILVA², Regivaldo Henrique

LEAL³, Emanuel Pereira

BARBOSA⁴, Alex da Silva

ARAÚJO⁴, Alexandre Eduardo de

RESUMO

A extensão rural no Brasil nasceu sob o comando do capital, visando superar o atraso da agricultura com uma visão linear. Que desencadeou uma necessidade e urgência de mudança na metodologia de trabalho da extensão rural, buscando assim novos enfoques metodológicos com uma visão sistêmica, a dialógica, humanística. O objetivo da proposta é trabalhar uma Extensão/Comunicação Rural nas comunidades rurais do município de Casserengue-PB, a partir do projeto ESCOLA AGROECOLÓGICA. A metodologia utilizada no projeto é com enfoque participativo, visão sistêmica, holística, valorizando os conhecimentos dos agricultores familiares e seguindo os princípios da agroecologia, primeiramente identificando a realidade local, a partir do DRP e em seguida a intervenção com oficinas pedagógicas. O projeto Escola Agroecológica está dando bases para o processo de transição agroecológica das comunidades participantes. Identificando a realidade local por meio do DRP, pois cada comunidade possui uma realidade distinta, com suas problemáticas e potencialidades, onde a mesma só conseguirá solucionar seus problemas indo de encontro às causas e as modificando, assim identificando o que realmente a comunidade precisa, para que então a intervenção tenha uma real validade.

Palavras-Chave: Metodologias Participativas, Diagnóstico Rural Participativo, Campesinato.

INTRODUÇÃO

"Largo tempo foi perdido na demonstração de uma técnica sem humanismo, na implantação de princípios científicos que, embora verdadeiros, não tiveram o apoio dos conceitos sociais mais simples, mais humanos e altruístas".

(José Guimarães Duque)

¹ Bolsista PROEXT; ² Estudante Colaborador; ³ Extensionista Colaborador; ⁴ Professor. CCHSA /DAP/ UFPB.

A extensão rural no Brasil nasceu sob o comando do capital, visando superar o atraso da agricultura. Havendo a necessidade de "educar" a massa rural, para que aprendesse a utilizar e adquirir equipamentos e insumos industrializados necessários a tão esperada modernização. Que para Lisita (2005), É um modelo altamente “tecnicista” isto é com estratégia de desenvolvimento e intervenção que levam em conta apenas os aspectos técnicos.

O início da terceira fase da extensão rural a do Humanismo Crítico, quando eclodiu a preocupação com forma que a extensão estava sendo trabalhada. Paulo Freire em seu livro Extensão ou Comunicação? já contribuía com esta nova linha de pensamento, onde submeteu a palavra extensão a uma análise crítica. Na qual a ação de estender algo a alguém não corresponde a um que fazer educativo-libertador. Segundo Freire (1983):

"Nem aos camponeses, nem a ninguém se persuade ou se submete a força mítica da propaganda, quando se tem uma opção libertadora. Neste caso, aos homens se lhes problematiza sua situação concreta, objetiva, real, para que, captando-a criticamente, atuem criticamente sobre ela."

A utilização de uma visão linear, antidialógicidade, a falta de adequação a realidade local, praticamente baseada na introdução de pacotes tecnológicos na unidade de produção, que causaram graves consequências para os agricultores familiares. Sendo a marca da extensão rural tecnicista. Que desencadeou uma necessidade e urgência de mudança na metodologia de trabalho da extensão rural, buscando assim novos enfoques metodológicos com uma visão sistêmica, a dialógica, humanística, entre outros. A qual já possui trâmites legais a seu favor, de acordo com a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, de seus princípios:

- Deve-se adotar uma abordagem multidisciplinar e interdisciplinar, estimulando a adoção de novos enfoques metodológicos participativos e de um paradigma tecnológico baseado nos princípios da agroecologia.
- Desenvolver processos educativos permanentes e continuados, a partir de um enfoque dialético, humanista e construtivista, visando a formação de competências, mudanças de atitudes e procedimentos dos atores sociais, que potencializem os objetivos de melhoria da qualidade de vida e de promoção do desenvolvimento rural sustentável.

Dentre os novos enfoques metodológicos que o novo modo de fazer extensão rural busca, está as Metodologias participativas que é referenciada no embasamento teórico da pesquisa-ação que procura conhecer e intervir em uma realidade, porém de forma conjunta entre proponente e beneficiário das propostas (THIOLLENT, 1988; VASCONCELLOS, 1998).

O desenvolvimento local sustentável inclui a participação, especialmente das camadas mais populares, e deve ser entendido como “o processo de construção de oportunidades e de melhores condições de vida para populações locais, mobilizando capacidades e energias endógenas” (SANTOS, 2003).

Para se trabalhar de forma participativa é fundamental primeiramente conhecer onde se vai intervir. E uma das alternativas que permitem conhecer a realidade local é o Diagnóstico Rural Participativo (DRP) que é definido por Chambers (1982) como um termo empregado para designar "um conjunto de métodos e abordagens que possibilitam às comunidades compartilhar e analisar sua percepção acerca de suas condições de vida, planejar e agir".

O objetivo é trabalhar uma Extensão/Comunicação Rural nas comunidades rurais do município de Casserengue-PB, a partir do projeto ESCOLA AGROECOLÓGICA: Cultivando Saberes e Gerando Transformações Socioeconômicas na Agricultura Familiar do Território da Borborema.

DESENVOLVIMENTO

As atividades fazem parte do projeto ESCOLA AGROECOLÓGICA: Cultivando Saberes e Gerando Transformações Socioeconômicas na Agricultura Familiar do Território da Borborema, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Centro de Ciência Humanas, Sociais e Agrárias do Campus III de Bananeiras- PB, o local de realização é na Comunidade do Salgado, Pedrinha D'água e Santa Paula do município de Casserengue-PB (Figura 1). O qual está localizado na mesorregião do Agreste Paraibano, microrregião do Curimataú Oriental de clima semiárido. No período de maio a setembro de 2013.

A metodologia utilizada no projeto é com enfoque em metodologias

participativas, visão sistêmica, holística, valorizando os conhecimentos dos agricultores familiares e seguindo os princípios da agroecologia. Com a utilização de dinâmicas de integração e conhecimento, músicas, vídeos, oficinas teóricas e prática.



Figura 1. Dinâmica de Integração e Conhecimento. Fonte: Projeto Escola Agroecológica. Data: 27/04/13

O projeto trabalha a transição agroecológica com agricultores familiares, primeiramente identificando a realidade local, a partir do DRP e em seguida a intervenção com oficinas pedagógicas. O DRP tem como objetivo: apoiar a autodeterminação da comunidade pela participação, identificando as problemáticas e potencialidades existentes na comunidade para solucioná-los, para assim fomentar um desenvolvimento sustentável. Realizado o DRP, de acordo com o resultado do mesmo os agricultores junto com os facilitadores do processo vão decidir quais vão ser as oficinas pedagógicas, iniciando assim o processo de intervenção.

Dentre as atividades terão dia de campo, intercâmbio de experiências, entre outros. Finalizando as atividades com um evento final para os agricultores na Universidade, onde receberão os certificados e poderão expor suas experiências, como também participar de palestras e oficinas (Figura 2).



Figura 2. Elaboração do mapa da comunidade pelos agricultores e apresentação

Fonte: Projeto Escola Agroecológica. Data: 06/04/13

Valorização dos conhecimentos dos agricultores familiares e das características específicas da comunidade (Figura 3). Com uma visão holística, visando não só a produção, pois a produção não existiria sem o humano, mas sim a parte social, ecológica, cultural e econômica.



Figura 3. Travessia realizada para conhecer a realidade dos agricultores Fonte:

Projeto Escola Agroecológica. Data: 19/05/13

Contribuindo para a melhoria da qualidade de vida do homem do campo a partir de um futuro alcance de um agroecossistema sustentável (Figura 4).



Figura 4. Final das atividades. Fonte: Projeto Escola Agroecológica. Data:

10/08/13

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Escola Agroecológica está dando bases para o processo de transição agroecológica das comunidades participantes. Identificando a realidade local por meio do DRP, pois cada comunidade possui uma realidade distinta, com suas problemáticas e potencialidades, onde a mesma só conseguirá solucionar seus problemas indo de encontro às causas e as modificando, assim identificando o que realmente a comunidade precisa, para que então a intervenção tenha uma real validade.

REFERÊNCIAS

CHAMBERS, R. Rural Appraisal: **Rapid, Relaxed and Participatory**. London, Institute of Development Studies, 1992. (Discussion Paper 311). Disponível em: http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/Ase/diag_participativo.pdf Acesso em: 10 jun. 2013.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira e prefácio de Jacques Chonchol 7ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 93 p. (O mundo, hoje, v. 24).

LISITA, F. O. **Considerações sobre a Extensão Rural no Brasil**. ADM- Artigos de divulgação na Mídia, Embrapa Pantanal, Corumbá-MS, n. 77, p. 1-3. Abr, 2005.

SANTOS, T. M. S. **Estratégias de comunicação para o desenvolvimento local e os desafios da sustentabilidade**. In: LIMA, J. R. T.(Org). Extensão rural e desenvolvimento sustentável. Recife: Bagaço, 2003, p. 9-23.

THIOLLENT, M. J. M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1988. 108 p. (Coleção Temas básicos).

VASCONCELLOS, H. S. R. de. **A pesquisa-ação em projetos de educação ambiental**, In: PEDRINI, A.G. (Org). Educação ambiental: reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 1998. 123 p.